

## **ANÍBAL: O GUERREIRO CARTAGINÊS E AS PÚNICAS DE SÍLIO ITÁLICO\***

*Everton da Silva Natividade\*\**

Sílio Itálico, nascido no ano 25 d.C., foi brilhante orador e cultor das letras, escritor de dois poemas: as *Púnicas*, dezessete cantos em que se narra a Segunda Guerra Púnica com todo o aparato épico; e a *Iliada latina*, bastante lida na Idade Média.<sup>1</sup> Sílio teve grande influência na vida pública sob Nero e Vespasiano, e uma das poucas fontes ao seu respeito de que temos notícia<sup>2</sup> diz-nos ter ele servido de delator a Nero,<sup>3</sup> imperador que fez do poeta cônsul no seu último ano de governo, 68. No ano seguinte, já sob Vespasiano, foi ele procônsul na Ásia. *Otium cum dignitate* nas terras por ele compradas, antigas propriedades de Cícero e Virgílio, era o que contariam os anos do seu retorno a Roma. Com efeito, Marcial (XI, 48) e Plínio, o Jovem (III, 7, 8), parecem concordes em descrever o rico colecionador de objetos que foi Sílio Itálico como um dedicado discípulo do poeta augustano, comentando mesmo acerca de um seu hábito de comemorar o aniversário do poeta da *Eneida* com maior entusiasmo que ao seu próprio. Aliás, é fama que também o túmulo de Virgílio, localizado numa das casas de campo de Sílio, era motivo de atividade reverencial freqüente.

Foi protetor de Marcial, o poeta dos epigramas,<sup>4</sup> e vivia cercado de amigos no seu retiro de culto às letras, ainda segundo Plínio; foi também freqüentador dos imperadores da casa flaviana. Morre em 101, de inanição, se é de crer o que nos legaram as vozes antigas, que contam ter ele preferido a morte à dor de uma doença incurável, de cuja natureza os críticos não parecem estar seguros (tumor, abscesso, gota, câncer?).

Da produção do poeta, feita acessível em português, temos um trecho, traduzido por G. D. Leoni, antigo professor nas Faculdades de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Mackenzie, e um estudo do seu poema, numa dissertação, defendida em 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, escrita por Sérgio Fernando Alois Schermann, sob a orientação do Prof. Doutor Antônio Kalil Tannus.<sup>5</sup>

As suas *Púnicas* são um poema elaborado com grande e perceptível influência da leitura das narrações livianas, com elementos de Políbio e outras fontes; quanto ao estilo,

há uma grande busca de imitação virgiliana, muitas vezes menosprezada pelos nossos críticos dagora, ainda que os relatos nos assegurem do sucesso que teve o poema, quando das leituras públicas a que o expunha o seu autor. Não só no revelar o gosto que então dominava as leituras públicas, mas também, ainda que com certa reserva, é-nos o poema de Sílio Itálico útil no desvendar a visão de um homem influente que viveu sob a reconhecida tirania, sempre crescente, que ocupou pensamento e ação da dinastia flaviana. Por toda a parte o poema se volta para as grandes figuras dos antepassados, buscando neles a figura do ideal romano desaparecido; por outro lado, se o passado retorna como a configuração do perdido que se almeja, é em Aníbal, contudo, a figura despótica, central nas *Púnicas*, que vemos a mais forte impressão que rege o texto de Sílio. Talvez pudéssemos ler aí a imagem do estado de espírito das camadas mais nobres, impressionadas pelo despotismo e pelo clima de tensão em que viviam os governantes, desejosas da volta que estabelecera Augusto, fazendo do passado o seu ideal já distante do alcance.

No estilo do poeta, como dizíamos, reflexo de Virgílio e de Tito Lívio, sobretudo daquele, também se faz ecoar o louvor do passado. É no maravilhoso e nas máquinas épicas em geral que se pode ouvir o seu modelo, como neste passo, em que Juno faz seu ódio aos troianos, ascendentes do povo romano, sublevar a guerra. É, aliás, esse o tema que Sílio Itálico faz renascer da *Eneida* de Virgílio: defensora de Cartago, cidade sua preferida, é Juno a deusa mais participante no corpo da Guerra Púnica do poeta flaviano.

*Verum ubi magnanimis Romam caput urbibus alte  
exerere ac missas etiam trans aequora classes  
totum signa uidet uictricia ferre per orbem,  
iam propius metuens bellandi corda furore  
Phoenicum extimulat. Sed enim conamine primae  
contuso pugnae fractisque in gurgite coeptis  
Sicanio Libycis, iterum instaurata capessens  
arma remolitur; dux numini sufficit unus  
turbanti terras pontumque mouere paranti.*

Mas, quando Juno vê, sobre magnânimas cidades, Roma  
levantar alto a cabeça e também as esquadras enviadas ao outro lado do mar  
por toda a terra levar os estandartes vitoriosos,  
então, teme a proximidade e, com o fervor da guerra, os corações  
dos púnicos<sup>6</sup> ela excita. Mas, de fato, aniquilado o esforço  
da primeira guerra, e espedaçados os projetos líbicos

no mar sicílio, novamente as reerguendo, as renovadas  
armas ela move: um só general basta à divindade  
que perturba as terras e se prepara para agitar o ponto.  
(I, 29-37)

Outros elementos mitológicos também abundam; há descrições de lendas (como a do lago Trasimeno, no canto V, 1-23, ou a de Ana, irmã de Dido, no canto VIII, 44-201), invocações a deuses e descrições de outros (invocação a Baco: VII, 162-211; descrição de Bóreas: I, 587-94). O poema épico de Sílio, como é de praxe, também traz pensamentos patrióticos e conceitos morais. Quanto à narrativa, assim ela se desenvolve nos dezessete cantos:

*Canto I* – Apresentam-se o tema (a Segunda Guerra Púnica), o motor divino (Juno) e o “herói” (Aníbal). Explicam-se as origens do conflito e relata-se o ataque de Aníbal a Sagunto e a visita dos embaixadores dessa cidade a Roma. Os maiores destaques deste canto são os retratos de Aníbal (vv. 56-69 e 239-70) e o seu juramento, num templo dedicado a Dido (*vide infra*, vv. 93-103 e 113-22, quarta passagem das apresentadas na tradução).

*Canto II* – Todo este canto gira em torno da queda de Sagunto; há nele a descrição do escudo de Aníbal (vv. 391-456), lugar-comum épico que aqui causa certo estranhamento, porque se descreve, ao contrário do que se esperaria, o escudo do inimigo de Roma, e não o de um seu herói.

*Canto III* – Marcado pelo sucesso da marcha de Aníbal, da Espanha para o Norte da Itália, este canto tem duas cenas patéticas: a despedida de Aníbal da esposa e do filho (vv. 61-167) e os rogos de Vênus a Júpiter (vv. 557-629); ademais, é neste canto que se lê a célebre travessia dos Alpes (vv. 476-556).

*Canto IV* – Descrevem-se as batalhas do Ticino e do Trébia, com especial destaque à figura de Cipião em ação (vv. 216-310).

*Canto V* – Trasimeno é o motivo: a sua lenda abre o livro (vv. 1-23), que se encerra com a morte do cônsul Flamínio (vv. 632-666).

*Canto VI* – Este canto é basicamente um excuro: ferido Serrano, filho de Régulo, Sílio Itálico conta os feitos deste cônsul que participara da Primeira Guerra Púnica; Fábio é designado ditador e Júpiter afasta Aníbal de Roma.

*Canto VII* – Fábio Máximo Cunctátor (o Contemporizador) consegue adiar a batalha; as ninfas da costa da Campânia conversam com o deus Proteu, que lhes narra as origens da guerra e as tranqüiliza quanto aos futuros eventos.

*Canto VIII* – Preparação para a batalha de Canas. Juno faz Ana, irmã de Dido, aparecer a Aníbal (narrativa da lenda de Ana, divindade itálica: vv. 44-201); entram em cena Varrão e Paulo Emílio.

*Canto IX* – Na batalha de Canas, são dignos de nota a participação dos deuses e, nos vv. 599-619, a cena dos elefantes que, atingidos de flechas inflamadas, queimam e se lançam no rio vizinho.

*Canto X* – Ainda na batalha de Canas se inicia o canto, com especial destaque para a figura de Paulo Emílio, que morre na luta. Aníbal, desejoso de atacar Roma, é dissuadido por Juno, em sonho (vv. 326-71); o canto se encerra com a descrição do pânico que impera em Roma e da tomada do poder por Fábio.

*Canto XI* – Este canto se centra em Aníbal e Cápua, onde o general cartaginês é recebido com um banquete (vv. 259-302), e um aedo, outro lugar-comum da poesia épica, faz duas aparições.

*Canto XII* – Aníbal sai de Cápua e Marcelo entra em cena. É neste canto que o engenho de Sílio Itálico põe Ênio, poeta épico republicano, em ação no campo de batalha e em diálogo com o deus Apolo, condutor das Musas e inspirador dos vates (vv. 387-419). Aníbal tenta atacar Roma, mas é impedido pelas tempestades enviadas por Júpiter; mais uma vez, Juno dissuade o chefe militar do ataque, fazendo-o ver a força da oposição dos deuses.

*Canto XIII* – Cápua, que se havia aliado aos púnicos, é subjugada por Roma; o jovem Cipião desce aos infernos e encontra o pai, a mãe e o tio; revelados os destinos e heróis vindouros, Cipião retorna ao mundo dos vivos.

*Canto XIV* – Iniciado com uma longa descrição da Sicília, este livro é a narrativa da queda de Siracusa.

*Canto XV* – Este canto traz à cena do jovem Cipião testado pela Virtude e pela Voluptuosidade, dentre as quais o futuro líder opta pela primeira (vv. 18-128). Morre Marcelo e Aníbal vê a cabeça do irmão no topo duma lança.

*Canto XVI* – Digressivo, os jogos funerais que organiza Cipião em memória do pai e do tio ocupam pouco menos que metade dos versos (vv. 277-591) deste canto; o poder cartaginês se vê desmoronar gradualmente e, em Roma, Cipião assume o consulado e decide partir para a África.

*Canto XVII* – Abre-se a narrativa com o acolhimento da deusa Cíbele em Roma (vv. 1-45). A batalha de Zama, após a turbulenta viagem de Aníbal de volta à África, encerra-se com o refúgio do chefe cartaginês nas montanhas, jurando ódio eterno a Roma; descrevem-se ainda a abertura das portas de Cartago e, nos vv. 625-54, o triunfo de Cipião.

Apesar da vitória final de Roma e do destaque dado a Cipião, é Aníbal a figura de maior destaque do poema. Pelas suas ações se rege e cronometra a narrativa, e é o seu *exemplum* o mote do poema — um exemplo a ser evitado. De fato, nas próprias descrições do “herói” se vêem as suas qualidades, sempre calibradas em oposição à sua perfídia:

*Hae postquam Tyrio gentes cessere tyranno,  
utque dati rerum freni, nunc arte paterna  
conciliare uiros, armis consulta senatus  
uertere nunc donis. Primus sumpsisse laborem,  
primus iter carpsisse pedes partemque subire,  
si ualli festinet opus.*

Depois que esses povos cederam ao tirano tírio,  
e quando entregues as rédeas dos acontecimentos, com a habilidade do pai  
ele concilia os homens e subverte as decisões do senado,  
ora com armas, ora com presentes. Era o primeiro a suportar o sofrimento,  
o primeiro a dilacerar os pés no caminho e a se ocupar da sua parte,  
se se apressava a construção duma trincheira.  
(I, 239-44)

Não por menos, ocupamo-nos da figura desse general no canto I, na seleção dos passos de que aqui apresentamos a nossa tradução, juntos da proposição do poema, primeiro excerto da nossa tradução, vv. 1-20. Em seguida, do verso 56 ao 69, tem-se o retrato de Aníbal, poderoso a ponto de fazer mesmo pensar no Catilina de Salústio; o terceiro conjunto de versos, do 93 ao 103 e do 113 ao 122, mostram o juramento de Aníbal, cena de real vigor dramático, precedida da descrição da sibila que conduz pai e filho (Amílcar a Aníbal) ao interior do templo; por fim, apresentamos ainda uma cena de guerra, encômio das habilidades do herói.

*Ordior arma, quibus caelo se gloria tollit  
Aeneadum, patiturque ferox Oenotria iura  
Carthago. Da, Musa, decus memorare laborum  
antiquae Hesperiae, quantosque ad bella creavit  
et quot Roma uiros, sacri cum pérfida pacti  
gens Cadmea super regno certamina mouit;  
quaesitumque diu, qua tandem poneret arce*

*Proj. História, São Paulo, (30), p. 57-69, jun. 2005*

61

*terrarum Fortuna caput. Ter Marte sinistro  
iuratumque Ioui foedus conuentaue patrum  
Sidonii fregere duces, atque impius ensi  
ter placitam suasit temerando rumpere pacem  
Sed medio finem bello excidiumque uicissim  
molitae gentes, propiusque fuere periculo  
quis superare datum : reserauit Dardanus arces  
ductor Agenoreas, obsessa Palatia uallo  
Poenorum ac muris defendit Roma salutem.*

*Tantarum causas irarum odiumque perenni  
seruatum studio et mandata nepotibus arma  
fas aperire mihi superasque recludere mentes.  
iamque adeo magni repetam primordia motus.*

Urdo a trama das armas, pelas quais elevou-se a glória dos descendentes de Enéias<sup>7</sup>, e as leis enótrias<sup>8</sup> suporta a soberba Cartago.<sup>9</sup> Dá-me, Musa, a honra de relatar os labores da antiga Hespéria<sup>10</sup> e quantos e quão grandes varões Roma criou para a guerra, quando do sagrado pacto a pérfida nação cadméia<sup>11</sup> levantou as armas pelo poder, e perguntou-se por muito tempo em qual topo, enfim, poria Fortuna a cabeça dos povos. Três vezes, com Marte<sup>12</sup> desfavorável, não só o juramento feito de Jove,<sup>13</sup> mas também a decisão dos pais, violaram os chefes sidônios,<sup>14</sup> e a espada ímpia três vezes logrou romper a plácida paz pela profanação. Mas, no meio da guerra, cada uma por sua vez o fim e a queda tramou, e à que esteve mais próxima da destruição foi dado vencer: um chefe dardânio<sup>15</sup> abriu as cidadelas de Agenor,<sup>16</sup> o monte Palatino foi dominado pelo baluarte dos cartagineses, e Roma defendeu-se com a salvaguarda dos muros. Não só revelar as causas de tanta ira, e o ódio guardado com cuidado perpétuo, e as armas entregues aos descendentes, não só isso me seja permitido, como também desvelar os intentos dos deuses. E agora recordarei os primórdios da grande comoção.  
(I, 1-20)

*Ingenio motus avidus fideique sinister  
is fuit, exuperans astu, sed deuius aequi.  
Armato nullus diuum pudor; improba uirtus  
et pacis despectus honos; penitusque medullis  
sanguinis humani flagrat sitis; his super, aevi  
flore uirens, auet Aegatis abolere, parentum  
dedecus, ac Siculo demergere foedera ponto.  
Dat mentem Iuno ac laudum spe corda fatigat.  
Iamque aut nocturno penetrat Capitolio uisu,  
aut rapidis fertur per summas passibus Alpibus.  
Saepe etiam famuli turbato ad limina somno  
expauere trucem per uasta silentia uocem  
ac largo sudore uirum inuenere futuras  
miscentem pugnas et inania bella gerentem.*

Quanto ao caráter, ávido de ação e sinistramente pérfido — assim foi Aníbal, superior na astúcia, mas distante da justiça. Armado, sem nenhum temor dos deuses; coragem perversa, e a honra da paz lhe é desprezível; no seu íntimo, arde a sede de sangue humano; além disso, vigorando na flor da idade, anseia apagar da história as ilhas Égatas,<sup>17</sup> desonra dos seus antepassados, e ainda afundar os acordos no mar da Sicília. Juno inspira essa disposição e lhe agita incessantemente o coração com a esperança de glórias. E já ou em visões noturnas penetra o Capitólio, ou com rápidos passos ele atravessa o cume dos Alpes. Várias vezes, os escravos à sua porta, perturbado o sono, apavoraram-se com a voz truculenta no meio do vasto silêncio e, então, encontraram-no empapado em suor, confundindo as futuras batalhas e travando guerras imaginárias. (I, 56-69)

*Hic, crine effuso, atque Hennaee numina diuae  
atque Acheronta uocat Stygia cum ueste sacerdos.  
Immugit tellus rumpitque horrenda per umbras  
sibila; inaccensi flagrant altaribus ignes.*

*tum magico uolitant cantu per inania manes  
exciti, uultusque in marmore sudat Elissae.  
Hannibal haec patrio iussu ad penetralia fertur;  
ingressique habitus atque ora explorat Hamilcar.  
Non ille euhantis Massylae palluit iras,  
non diros templi ritus aspersaque tabo  
limina et audito surgentis carmine flammis.*

[...]

*His acuit stimulis subicitque haud mollia dictu:  
“Romanos terra atque undis, ubi competet aetas,  
ferro ignique sequar Rhoeteaque fata reuoluam.  
Non superi mihi, non Martem cohibentia pacta,  
non celsae obstiterint Alpes Tarpeiaque saxa.  
Hanc mentem iuro nostri per numina Martis,  
per manes, regina, tuos.” Tum nigra triformi  
hostia mactatur diuae, raptimque recludit  
spirantis artus poscens responsa sacerdos  
ac fugientem animam properatis consulit extis.*

É aí que, com o cabelo desgrenhado, não só aos numes da deusa enaia,<sup>18</sup>  
mas também ao Aqueronte,<sup>19</sup> invoca a sacerdotisa de veste estígia.<sup>20</sup>  
Brame a terra e, por entre as sombras, rompe em horrendos  
sibilos, e tochas não acendidas se inflamam nos altares.  
Então pairam pelos ares as almas dos mortos despertos  
por um canto mágico, e sua no mármore o rosto de Elisa.<sup>21</sup>  
Aníbal entra nesses penetrais por ordem do pai,  
e Amílcar observa os olhos e as reações do ingressante.  
Nem ele temeu os furores da bacante massília,<sup>22</sup>  
nem os sinistros ritos do templo e nem as entradas, de sangue maculado  
aspergidas, e nem, pronunciado o encantamento, as chamas que se ergueram.

[...]

Amílcar instiga-o com esses incitamentos e o  
submete a estas palavras nada agradáveis:  
“Aos romanos, por terra e por mares, quando me permitir a idade,  
perseguirei com ferro e fogo e farei revolverem os fados réticos.<sup>23</sup>  
Nem os deuses superiores, nem pactos que coíbem a guerra,

nem os excelsos Alpes, nem as rochas Tarpéias<sup>24</sup> me deterão.  
Juro essa sentença pela divindade do nosso Marte,  
pelos manes, rainha, que são os teus”. Então uma negra vítima  
se imola à deusa triform,<sup>25</sup> e arrebatadamente abre  
a sacerdotisa as entranhas palpitantes, pedindo respostas,  
e consulta a alma que foge pelas precoces vísceras.  
(I, 93-103; 113-22)

*At parte ex alia, qua se insperata iuuentus  
extulerat portis, ceu spicula nulla manusque  
uim ferre exitiumue queant, permixtus utrisque  
Hannibal agminibus passim furit et quatit ense,  
cantato nuper senior quem fecerat igni  
litore ab Hesperidum Temisus, qui carmine pollens  
fidebat magica ferrum crudescere lingua,  
quantus Bistoniis late Gradius in oris  
belligero rapitur curru telumque coruscans,  
Titanum quo pulsa cohors, flagrantia bella  
cornipedum afflatu domat et stridoribus axis.  
Iamque Hostum Rutulumque Pholum ingentemque Metiscum,  
iam Lygdum Duriumque simul flauumque Galaesum  
et geminos, Chromin atque Gyan, demiserat umbris;  
Daunum etiam, grata quo non spectatior alter  
uoce mouere fora atque orando fingere mentes  
nec legum custos sollertior, aspera telis  
dicta admiscentem: “Quaenam te, Poene, paternae  
huc adigunt Furiae? Non haec Sidonia tecta  
feminea fabricata manu pretiose parata,  
exulibusue datum dimensis litus harenis.  
Fundamenta deum Romanaque foedera cernis.”  
Ast illum, toto iactantem talia campo,  
ingenti raptum nisu medioque uirorum  
auulsum inter tela globo et post terga reuinctum  
Hannibal ad poenam lentae mandauerat irae;  
inrepitansque suos inferri signa iubebat  
perque ipsos caedis cumulos stragemque iacentum*

*monstrabat furibundus iter cunctosque ciebat  
nomine et in praedas stantem dabat improbus urbem.*

E no lado oposto, onde a inesperada juventude<sup>26</sup> tinha saído dos portos, como se nenhuma flecha ou mão conseguissem dar-lhe morte ou derrota, no meio de ambas as tropas, Aníbal se enfurece e por toda a parte brande a espada, que não muito antes forjara num fogo encantado o mais velho do litoral das Hespérides,<sup>27</sup> Temiso,<sup>28</sup> que, poderosíssimo em encantamentos, cria tornar mais cruel o ferro com palavras mágicas — assim como o Gradivo,<sup>29</sup> nas plagas bitônias,<sup>30</sup> ao longe corre num carro de guerra, vibrando a lança, com a qual foi posta em fuga a coorte dos Titãs,<sup>31</sup> as ardentes guerras vence com o ofego dos cavalos e o ranger da roda. Já Hosto e o rútilo Folo e o corpulento Metisco, já Ligdo, Dúrio e, ao mesmo tempo, não só o loiro Galeso, mas também os gêmeos Crome e Gias,<sup>32</sup> Aníbal os havia todos feito descer às sombras. Também a Dauno, mais estimado que qualquer outro, em discursando, no comover os tribunais e influenciar as mentes com agradável voz — nenhum mais hábil guardião das leis, que estas palavras ásperas misturava às lanças: “E então, púnico, quais paternas Fúrias te trouxeram aqui? Não são estes tetos sidônios, construídos por mão feminina ou comprados com dinheiro, ou litoral dado a exilados por areias medidas.<sup>33</sup> O que vês são fundações divinas e alianças romanas”.<sup>34</sup> Mas a ele, que se jactava com essas palavras por todo o campo, arrebatado num ingente vôo e, do meio da multidão de soldados, arrancado dentre as lanças e amarrado com os braços nas costas, tinha-o inscrito para o castigo da sua longa ira Aníbal, que, gritando, ordenava aos seus que fossem atacados os inimigos; que, por entre as pilhas mesmas de corpos massacrados e os montes de jazentes, fora de si, mostrava o caminho e a todos exortava à ação pelo nome; que, audacioso, já contava entre os despojos a cidade que ainda se mantinha de pé. (I, 426-55)<sup>35</sup>

*Tradução autorizada em março de 2005*

## Notas

\* O texto por nós utilizado para a tradução é o da sociedade francesa “Les Belles Lettres”: SILIVS ITALICVS. *La Guerre Punique. Livres I – IV*. Texte établi et traduit par Pierre Miniconi et Georges Devallet. Paris, Société d’Éditions “Les Belles Lettres”, 1979.

\*\* Professor de Língua e Literatura Latinas na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>1</sup> “É de atribuir, com muita probabilidade, a Sílio um modesto e escolástico resumo da *Ilíada*, em 1.070 versos, os primeiros dos quais contêm, em acróstico, o nome *Italicus* e os últimos a palavra *scripsit* [‘escreveu’].” Cf. MARMORALE, E. V. *História da Literatura Latina*. vol. II. trad. João Bartolomeu Júnior. Lisboa, Editorial Estúdios Cor, S.A.R.L., 1974.

<sup>2</sup> Referimo-nos a Plínio, o Jovem, que, em uma de suas cartas, fala da morte de Sílio Itálico e reflete sobre a efemeridade da vida e o valor do labor intelectual. A referência é *Ep.* III, 7.

<sup>3</sup> Tácito também se refere ao episódio: *Hist.* III, 65.

<sup>4</sup> Marcial refere-se a Sílio Itálico nos epigramas IV, 14; VI, 68; VII, 63; VIII, 66; IX, 86; e XI, 48.

<sup>5</sup> O professor G. D. Leoni traduz os versos 654-64 e 696-707 do canto segundo das *Púnicas* (LEONI, G. D. *A Literatura de Roma: esboço histórico da cultura latina com uma antologia de trechos traduzidos*. 12 ed. São Paulo, Livraria Nobel, 1976, pp. 261-2.). A dissertação a que nos referimos ainda não se encontra disponível em rede, mas se encontra na biblioteca e no banco de teses da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SCHERMANN, S. F. A. *O perfil do herói nos Púnicas de Sílio Itálico*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004).

<sup>6</sup> Os púnicos são os cartagineses; esse adjetivo provém do nome dos fenícios em latim, *Poeni*.

<sup>7</sup> Enéias foi o herói sobrevivente à queda de Tróia, a quem os fados reservaram fundar uma nova nação nas terras da Itália. A linhagem de Rômulo e Remo, fundadores de Roma, remonta a esse mesmo Enéias; daí serem os “descendentes de Enéias” a própria nação romana.

<sup>8</sup> “Enótrio” é gentílico que designa os habitantes da antiga região da Enótria, no sul da Itália, dominada pelos gregos. Por sinédoque, Sílio Itálico refere-se a toda a Itália e, em especial, a Roma, que viria a tornar-se, então, a senhora do mundo.

<sup>9</sup> Durante as chamadas Guerras Púnicas, que foram três, de diferentes durações cada uma, somando ao todo 43 anos de guerra não consecutivos, Cartago, cidade situada ao Norte da África, foi rival de Roma, quando esta começava a expandir definitivamente os seus territórios. Tal cidade teria sido fundada por Dido (ou Elisa, o seu nome fenício), rainha lendária que Virgílio, na sua *Eneida* (cantos I e IV), faz apaixonar-se pelo herói Enéias, deixando delineada, ao final do episódio, a previsão de tais guerras, posto que se criara, com o suicídio da rainha, motivo de rancor eterno entre as duas nações.

<sup>10</sup> “Hespéria” é termo que se aplica à região ocidental; aqui, refere-se designadamente à Itália.

<sup>11</sup> “Nação cadméia” é a própria Cartago: Cadmo era um dos três filhos de Agenor, rei de Tiro, cidade fenícia que fundou Cartago. Veja-se também a nota 9.

<sup>12</sup> Marte é o deus da guerra.

<sup>13</sup> Jove é Júpiter, o pai dos deuses, que preside o trovão, as chuvas e outras manifestações celestes.

<sup>14</sup> Os sidônios são os cartagineses, porque Cartago se fundara por cidadãos da Fenícia, de cuja costa Sídon era uma cidade, conhecida pela sua indústria de púrpura e vidro.

<sup>15</sup> “Dardânio” é gentílico que se refere a Tróia, cujo fundador mítico foi Dárdano. Aqui, o chefe dardânio é Cipião, o Africano, *Publius Cornelius Scipio Africanus Maior* (236-184 a.C.), vencedor de Aníbal na batalha de Zama de 202 a.C.

<sup>16</sup> As “cidadelas de Azenor” são Cartago.

<sup>17</sup> A Batalha das Égatas (*Aegates*, em latim; *Egadi*, em italiano) foi o conhecido episódio que deu fim à Primeira Guerra Púnica. Das ilhas Égatas saiu Hânion, para a Sicília, onde se encontrava Amílcar Barca, pai de Aníbal. A intenção era reembarcar Amílcar e reabastecer os postos cartagineses na Sicília, onde se travava uma guerra entre os púnicos e os romanos que, ainda que sob outros pretextos, disputavam, ao fim e ao cabo, terras da ilha. Sob o comando de Gaio Lutácio Cátulo, a esquadra de Hânion é interceptada e, após a perda de 50 navios afundados, 70 apresados e algo em torno de 10.000 prisioneiros, Amílcar pede a paz, submetendo-se Cartago às duras condições que Roma lhe impunha — a mesma Roma que, em seguida, lhe tomaria também a Córsega e a Sardenha.

<sup>18</sup> Prosérpina, deusa dos Infernos, fora raptada por seu próprio tio, Plutão, num bosque perto de Ena; daí o seu epíteto “enaia”.

<sup>19</sup> Aqui, Aqueronte está por todo o inferno; o Aqueronte é propriamente o rio infernal que as almas devem atravessar para chegar ao reino dos mortos.

<sup>20</sup> O Estige é o principal rio infernal, que tinha propriedades mágicas e era invocado pelos deuses como testemunha de juramentos.

<sup>21</sup> Veja-se o que ficou dito na nota 8.

<sup>22</sup> Os massílios eram um povo nômade que vivia numa região da Númídia, que se cria fossem praticantes de magia. A “bacante massília” é a própria sacerdotisa. A palavra bacante faz referência às seguidoras de Baco, cuja imagem está sempre associada ao barulho e à desordem. Uma cena que as descreve com perícia está no poema 64 de Catulo (vv. 254-64), de que temos, atualmente, duas traduções disponíveis. A primeira, em versos, nas páginas 120-33, de *O Livro de Catulo*, de João Ângelo de Oliva Neto (São Paulo: Edusp, 1996); a segunda, disponível em rede no endereço < <http://www.scriptaclassica.hpg.ig.com.br/textos.htm> >, foi publicada pela revista *Scripta Clássica on-line* e tem como responsáveis Celina Figueiredo Lage e Maria Teresa Dias.

<sup>23</sup> “Réticos” é outro gentílico usado por Sílio Itálico para referir-se aos romanos; em princípio, designa o povo da antiga Récia, província romana na região dos Alpes. “Fazer revolverem os fados réticos” é fazê-los retornar e dar-se de novo: fazer Roma sofrer o que os seus ascendentes troianos já sofreram com a queda da pátria é o que pretende Aníbal.

<sup>24</sup> A rocha Tarpéia, que ficava no Capitólio, era o lugar de onde se precipitavam os criminosos. O seu nome está ligado ao de uma sacerdotisa vestal cujo mito personificava a traição em Roma. Tal lenda, numa versão “romanceada”, pode-se ler em Propércio, IV, 4. (Veja-se a tradução para o português de Willians Shi Cheng Li em NOVAK, M. da G. e NERI, M. L. *Poesia lírica latina*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003, pp. 151-7)

<sup>25</sup> A deusa triforme, invocada em geral em cenas de magia, identifica-se com Diana: ela é a Lua ou Hécate no céu, Diana ou Ártemis na terra e Perséfone ou Prosérpina nos infernos, daí a sua tripla forma.

<sup>26</sup> Entenda-se a juventude na milícia dos assediados.

<sup>27</sup> As Hespérides são ninfas do Poente, habitantes do extremo Ocidente, junto ao monte Atlas, e filhas da Noite. São as guardiãs dos pomos de ouro de Juno, frutos da imortalidade; cantam juntas, em coro, sempre próximas a nascentes sussurrantes que exalam ambrosia, alimento dos deuses, que dá e conserva a vida eterna.

<sup>28</sup> “Temiso”, cujo nome faz lembrar palavras como *temero* (violar o que é sagrado) e *temere* (sem razão, descuidadamente), vem do país das Hespérides, ninfas relacionadas em seu canto e em sua função à imortalidade (veja-se a nota anterior); nota-se com que intuito Sílio Itálico assinala a origem do mago. Ademais, o seu nome, como dizíamos, está fonicamente relacionado a palavras que parece se ligarem ao hipotético radical *\*temes*, derivado do sânscrito *tamas*, que significa “escuridão”, presente em várias palavras latinas (e.g. *timor*, “temor”).

<sup>29</sup> “Gradivo” é um dos títulos de Marte, talvez oriundo do verbo *gradior* — significaria, então, “aquele que marcha”, “aquele que avança”.

<sup>30</sup> Nas plagas da Trácia, região rude, de povos guerreiros e cavalos selvagens, morada de Marte.

<sup>31</sup> Os Titãs são os filhos de Urano e Géia, a deusa Terra, que foram combatidos e postos em fuga do Céu, onde se haviam estabelecido após destronarem o próprio pai. A guerra contra eles, engendrada por Júpiter e conhecida como Titanomaquia, contou com a participação de vários dos deuses olímpicos, entre os quais se contava Marte.

<sup>32</sup> Os nomes dos guerreiros que encontram a morte sob as mãos de Aníbal, selecionados cuidadosamente por Sílio Itálico, são bastante significativos. Em Hosto, por exemplo, traz ele à memória o nome do valoroso herói latino que lutou contra os sabinos, quando do lendário rapto das esposas destes pelos romanos, tendo sido o primeiro a tombar na guerra; foi também ele o primeiro a receber uma coroa de louro, também por feitos valorosos em guerra. Em Folo, ainda, alusão ao centauro desastrado que morre pela flecha que ele mesmo deixa cair sobre o pé — a figura por si só é imponente: um ser meio homem, meio cavalo, rude e abrutalhado, mas forte e selvagem. De resto, cada um dos outros nomes da lista alude a um outro, e a bravura e o valor de Aníbal se ressaltam, já que o “herói” os lança todos — e em seqüência — ao mundo das sombras.

<sup>33</sup> A alusão é à fundação lendária da cidade de Cartago: feita pela rainha Dido, a quem os indígenas, à sua chegada, teriam oferecido um espaço de terra equivalente ao que pudesse ser coberto pela pele de um boi. A rainha, tendo cortado o couro em pequenas tiras finas, amarra-as e consegue território suficiente para erguer a sua cidade.

<sup>34</sup> Nos versos 273-95 desse mesmo canto, Sílio Itálico havia descrito a lenda da fundação de Sagunto, cidade espanhola tomada por Aníbal. Segundo a lenda, os muros da cidade teriam sido construídos por Hércules e seu companheiro Jacinto, cujo nome seria a origem do topônimo “Sagunto”. As “alianças romanas” referem o tratado assinado por Cartago e Roma ao final da Primeira Guerra Púnica, que impedia aquela cidade de avançar sobre as terras saguntinas, contrato que Aníbal desrespeita na tomada da cidade.

<sup>35</sup> O texto por nós utilizado para a tradução é o da sociedade francesa “Les Belles Lettres”: SILIVS ITALICVS. *La Guerre Punique. Livres I – IV*. Texte établi et traduit par Pierre Miniconi et Georges Devallet. Paris, Société d’Éditions “Les Belles Lettres”, 1979.